

EDDA EM PROSA, SNORRI STURLUSON E SUAS INFLUÊNCIAS CRISTÃS

Flávio Guadagnucci Palamin¹
UEM
hyogacygnus@hotmail.com

Resumo: A partir de uma revisão bibliográfica, apresentaremos nesta comunicação o contexto histórico, geográfico e religioso no qual estava inserido Snorri Sturluson ao escrever a Edda em Prosa. Objetivamos, portanto, analisar de que modo a ascensão do cristianismo na Escandinávia, a partir do século XI, influenciou o autor na composição de sua obra (escrita no século XIII). Destacamos a importância da obra que, ao lado da Edda Poética, é uma das fontes mais utilizadas na tentativa de compreender a religiosidade dos povos da Europa Setentrional. Este trabalho é parte integrante de nossa pesquisa de iniciação científica.

Palavras-chave: Snorri Sturluson, Edda em Prosa, Cristianização, Escandinávia.

“Snorri Sturluson foi, em todos os sentidos, um produto de seu tempo”². Nosso objetivo para o presente artigo encontra-se necessariamente em mostrar que “tempo” foi este e de que maneira o autor da Edda em Prosa foi afetado por ele. De modo a dar continuidade à nossa pesquisa de iniciação científica (desenvolvida a partir de 2008, onde analisamos, com base nas Eddas, a religiosidade dos povos da Europa Setentrional da Era Viking³), apresentaremos a cristianização da Escandinávia, focando-nos na Islândia, não somente por esta ser local de nascimento de Snorri Sturluson, mas principalmente pelo país ser origem da maior quantidade de fontes escritas acerca da religiosidade nórdica.

COLONIZAÇÃO DA ISLÂNDIA

No Livro das Colonizações, *Landnámabók*, escrito no século XII, encontramos duas versões de como se deu a descoberta da Islândia: ou teria sido descoberta pelo viking norueguês chamado Naddoður, ou pelo sueco Garðarr Svavarsson, que teria se perdido numa tempestade. Entretanto, ambas as versões concordam em dois aspectos: primeiro que o nome Islândia fora dado pelo norueguês Flóki Vilgerðarson, que teria tentado e falhado em habitar o país, onde perdera todo seu gado durante um rigoroso inverno (Islândia, *Ísland*, significa, literalmente, “Terra de Gelo”); segundo “que a descoberta da Islândia por noruegueses foi uma consequência da ânsia insaciável por viagens de aventura entre os povos escandinavos durante a Era dos Vikings”⁴. Apesar das adversidades da grande ilha, com costas recortadas,

geleiras e vulcões, em 874 d.C. o primeiro colonizador norueguês permanente chegou à Islândia.

O período de colonização se deu entre 874 e 930 d.C, seus colonizadores, os “denominados *landnámsmenn* (i.e., ‘tomadores de terra’) pelas gerações posteriores, eram homens e mulheres que reivindicavam seus próprios interesses.”⁵. Segundo Oliveira, durante os aproximados 60 anos da colonização, entre 10.000 e 20.000 pessoas emigraram para a Islândia, levando consigo utensílios animais domésticos e mercadorias. Esses colonizadores levaram consigo, também, sua religião e seus deuses, como Odin, Thor, Freyr e Tyr.

CRISTIANIZAÇÃO DA ESCANDINÁVIA

Segundo Peter Brown, ainda no século IX os habitantes da Escandinávia se mantinham fiéis aos seus deuses, graças ao vigor e sorte sobre-humanos que somente esses poderiam lhes dar para sobrepujar seus inimigos. “Era possível que Cristo, o deus franco, fosse aceite; mas teria que corresponder às expectativas dos guerreiros.”⁶. Não somente guerreiros, os vikings também foram grandes comerciantes, e fora, também, a partir desse comercio que a fé cristã foi se espalhando pela escandinava, como no exemplo de um “punho de uma espada franca encontrada na Suécia ornamentado com um verso dos Salmos: ‘Abençoado seja Deus, que preparou as minhas mão para a guerra e meus dedos para o combate’[Salmo 144:1]”⁷. A aceitação da arma, com tal inscrição, pode ser compreendida numa mesma tradição dos vikings com as runas, uma escrita diretamente ligada à magia e à religiosidade desse povo. Era comum guerreiros colocarem inscrições rúnicas em suas armas a fim de aumentar seus poderes, ou mesmo em pedras próximas à sepulturas a fim de beneficiar o morto.⁸

Ainda no tocante às maneiras que a fé cristã adentrou a Escandinávia, Peter Brown aponta ainda mais sobre o espírito guerreiro viking: “Mas um ‘viquingue’ era um rei empreendedor que se lançara pelo caminho da guerra, pela *vik*, à procura de saque e prestígio [...] Dentro em pouco, a Escandinávia viu-se inundada de riquezas cristãs, escravos cristãos e idéias cristãs.”⁹.

Ao ano 1000 d.C., com as nações escandinavas já cristãs, a Islândia se via sob a pressão da conversão dos líderes cristãos. Peter Brown¹⁰ aponta que, devido à falta de chefes e a distancia que separavam os povoados da Islândia, “a lei era a única coisa que tinham em comum. A divisão entre pagãos e cristãos destruiria necessariamente o pouco consenso que existia nestas sociedades frágeis.” Desse modo, nesse mesmo ano, foi realizada a reunião da

assembléia geral islandesa, onde, apesar das declarações de pagãos e cristãos de que não viveriam sob as mesmas leis, fora decidido que a fé cristã seria adotada na Islândia¹¹, entretanto, com algumas condições:

Então foi declarada a lei que toda a pessoa deveria ser cristã e aceitar o batismo, inclusive quem não fora batizado nesta terra. Mas, da antiga lei, o abandono de crianças e a ingestão de carne de cavalo deveriam ser mantidos. As pessoas teriam que fazer sacrifícios em segredo caso quisessem evitar o banimento por três anos, o que aconteceria caso fossem descobertas. Alguns anos depois, aquela prática pagã foi abandonada, assim como as demais [Íslendingabók, 7].¹²

A própria figura de Cristo fora representada de diferentes formas na literatura islandesa. Em uma delas, como inimigo, Cristo era oposto às divindades nórdicas. Nesse contexto, em sua maioria na literatura das sagas, Cristo, enquanto o rei dos céus, deveria “cumprir a antiga função que os deuses mantinham no mundo Viking: combater a fome e todo problema cotidiano, perpetuar a lei e a ordem, criar um referencial modelar tanto de comportamento quanto de ética, perpetuar o equilíbrio e a ordem do universo.”¹³. Sendo o deus mais cultuado da Escandinávia, Thor era geralmente representado em duelo com Cristo, já que os clérigos argumentavam que os dois eram irreconciliáveis e, desse modo, não era possível acreditar em ambos.¹⁴ Ao vencer Thor, fica representado um “demonstrativo tanto da superioridade do cristianismo quanto de uma necessidade de substituir uma forma religiosa por outra que atendesse os anseios sociais e simbólicos das comunidades”¹⁵. Em outra forma de representação, Cristo aparece como adotado e reconhecido: “Ele acabou encarnando os antigos ideais tão valorizados pelos Vikings: um homem reputado por seu comportamento heróico, digno de uma Saga.”¹⁶. Entretanto, foram levados cerca de 100 anos para que os rituais cristãos fossem totalmente incorporados pelos islandeses.¹⁷

SNORRI STURLUSON

Político, historiador e poeta, Snorri nascera na influente família Sturlungar em meio a intrigas, traições e assassinatos, nos quais ele mesmo participava ativamente a fim de ser o homem mais poderoso da Islândia, abrindo mão de amigos e da família em busca de sua ambição. Especula-se que Snorri tenha planejado trair sua pátria em nome do rei Hákon da Noruega, mas sua falta de coragem em cometer tal ato tenha causado sua morte. Pois Snorri,

que ora fora o favorito da corte, após quinze anos sem obter resultados caiu em suspeitas por parte do rei norueguês. Seu assassino Gizurr, confirmou ter agido por ordens diretas do rei.¹⁸

No período em que vivera Snorri (1179-1241), o cristianismo já estava presente na Islândia há quase dois séculos. Entretanto, mesmo nesse contexto, Snorri conseguiu, no conjunto, resistir “à tentação de alterar suas fontes com a finalidade de racionalizá-las de acordo com a moral cristã”¹⁹. O que não implica que tenha de todo se afastado dela²⁰. Afinal, não somente pelo cristianismo presente na Islândia, mas também por seu pai Sturla Thórdsson, ter sido chefe e clérigo de Hvamm, no ocidente da Islândia²¹, Snorri recebera formação cristã. Em suas duas obras pelas quais tem maior reconhecimento, *Heimskringla* e a Edda em Prosa, é perceptível esta formação.

O nome Heimskringla foi usado pela primeira vez no século XVII, derivada das duas primeiras palavras de um dos manuscritos (heimsins Kringla – “o círculo do mundo”). A obra é uma coleção de contos sobre os reis noruegueses, começando pela lendária dinastia sueca dos Ynglings, passando por históricos dirigentes noruegueses como Harald Hairfair do século IX, até o reinado de Sverrir, cinco anos após o nascimento do autor. Para compor sua obra, Snorri utilizou-se de

tradição oral; registros genealógicos escritos; antigas canções ou narrativas como O Conto de Thiodolf da família Yngling e O Conto de Eyvind de Haloga; poemas de poetas da corte, ou seja, músicas históricas, que as pessoas sabiam de cor desde os dias de Hairfair até a própria época de Snorri. “e deve-se acrescentar”, diz ele, “que nós acreditamos que aquilo dito em tais canções o é do modo como foram cantadas antes dos próprios chefes ou dos filhos deles; e acreditamos ser verdadeiro o que é dito nessas canções no que concernem seus modos de vida e suas batalhas.” (nossa tradução)²²

Heimskringla consiste em vários capítulos, sendo cada um deles sagas. O que vemos na primeira delas é uma racionalização de Snorri ao tratar do início da dinastia real norueguesa apontando Odin como um homem mortal e seus seguidores do Oriente, de Asgard, a sua principal cidade, como conquistadores da Escandinávia. A mesma racionalização ocorre no prólogo da Edda em Prosa, entretanto, nesse caso, os deuses nórdicos teriam vindo de Tróia. No caso do prólogo da Edda em Prosa, é importante salientar que não se tem certeza da autoria de Snorri nesta parte da obra.

EDDA EM PROSA

Na primeira parte da Edda em Prosa, *Gylfaginning*, Snorri narra a viagem de Gylfi, um rei habilidoso na magia que, disfarçado de velho, vai à morada dos deuses, Asgard, em busca

de informações sobre a origem dos poderes dos deuses. Os deuses antecipam a chegada de Gylfi e preparam uma recepção à ele onde, por meio de um diálogo entre Gylfi e outros três deuses, Snorri nos apresenta um apanhado de informações sobre o surgimento do mundo e dos deuses.

Em *Skáldskaparmál*, “Dicção Poética”, a segunda parte da Edda em Prosa, a história é similar a de *Gylfaginning*: outro habilidoso mago, Ægir, parte à Asgard, entretanto, esse é recebido com um banquete pelos deuses e, durante a ceia, se desenrola um debate entre Ægir e Bragi sobre a arte poética. Desse modo, durante todo o *Skáldskaparmál*, Bragi mostra à Ægir as diversas maneiras do escaldio utilizar-se dos sinônimos e metáforas (*heiti* e *kenningar*) característicos da arte poética:

E assim disse Ægir: ‘Quantas são as maneiras em que a regra escáldica pode variar na escrita, ou quantos são os elementos essenciais da arte escáldica? Assim Bragi respondeu: ‘os elementos nos quais toda poesia é dividida são dois’ Ægir perguntou: ‘Quais dois?’ Bragi respondeu: ‘Metáfora e métrica’ (nossa tradução).²³

A terceira e última parte da Edda em Prosa, *Háttatal*, “Lista de Métricas”, “é composto de 102 estrofes, redigidas em cem métricas diferentes com o objetivo de exemplificar a grande variedade dos versos correntes. Essas estrofes são acompanhadas de comentários que evidenciam as características individuais de cada forma métrica.”²⁴ Por tratar principalmente de questões métricas é muito difícil encontrar-mos esta última parte da obra em outras línguas, devido às mudanças nas rimas ao traduzir as estrofes de um idioma a outro. Apesar de haver diferenças entre a sistematização da linguagem poética encontrada em apresentada no início de *Háttatal* daquela encontrada em *Skáldskaparmál*, existe a hipótese de que essa diferença pode ser explicada nos vários anos que Snorri Sturluson teria levado para concluir sua obra.²⁵

Transcreveremos agora uma passagem do *Skáldskaparmál*, na qual Bragi mostra de que maneiras o poeta pode apresentar Cristo utilizando os sinônimos e métricas. Faremos nossas considerações sobre a passagem mais a frente.

"Como deve alguém parafrasear Cristo? Assim: chamando Ele de o Formador dos Céus e da Terra, dos Anjos, do Sol, o governador do mundo e do Reino Celestial, de Jerusalém, Jordânia e da Terra dos gregos; Conselheiro dos Apóstolos e dos Santos. Antigos escáldos escreveram sobre ele em metáforas do poço de Urdr e Roma, como Eilífr Guðrúnarson cantou:

Então o Poderoso Governante de Roma / Nos Reinos de Rocha confirmou /
Seu poder, dizem que Ele esta sentado / Ao Sul, no Poço de Urdr.

Assim cantou Skapti Thóroddssen:

O Rei dos Monges é o maior/ Em Força, pois Deus tudo governa/ O poder
de Cristo forjou toda Terra, / E levantou os salões de Roma.

Rei dos Céus, como Markús cantou:

O Rei criador da Casa-de-Vento/ Terra, Céu, e pessoas de fé, / Cristo, único
príncipe dos mortais, / tem poder sobre todos que vivem. [...]

Aqui as metáforas coincidem, e aquele que interpreta a linguagem da poesia aprende a distinguir de qual rei se quer falar, pois é correto chamar o imperador de Constantinopla de o rei dos gregos, e similarmente chamar o rei que reina sobre a terra de Jerusalém de Rei de Jerusalém, e também chamar o imperador de Roma de Rei de Roma, e chamá-lo de Rei dos Anglos aquele que governa a Inglaterra. Mas a paráfrase que agora foi citada, que chama o Cristo de Rei dos Homens, pode ser tida por todo rei . É apropriado parafrasear todos os reis, chamando-os Governantes-da-propriedade, ou Guardas-da-propriedade, Atacantes-de-propriedades, líder dos capangas, ou Protetor do Povo.²⁶

DISCUSSÃO

Desde o início nossas principais fontes foram as Eddas, ou seja, obras literárias compiladas no período cristão e, no caso da Edda Poética, de autoria desconhecidas, as quais remetem à um período pagão anterior. Tais características geram questões de como, ou mesmo se é possível, utilizar as Eddas a fim de remontar essa religiosidade da Era Viking. Partimos do princípio que sim, é viável a utilização das Eddas e, apesar de continuarmos a buscar e aplicar novos métodos e teorias em nossa pesquisa, apresentaremos algumas considerações que nos mostram viável tal estudo.

Tanto no caso das Eddas quanto no de diversas outras fontes escritas referentes à religiosidade dos povos da Era Viking a maior parte dos poemas usados em suas composições tem origem em uma tradição oral. Marcel Detienne trabalha a questão da oralidade no caso grego, das quais algumas de suas considerações são pertinentes ao caso nórdico. Primeiramente, o poeta recita suas poesias à um grupo de pessoas, as quais devem ter um conhecimento prévio do conteúdo recitado²⁷ para que haja a aceitação da poesia: “Para poder penetrar e tomar seu lugar na tradição oral, uma narrativa, uma história ou qualquer obra falada deve ser entendida, isto é, deve ser aceita pela comunidade ou pelo auditório a que se destina”²⁸. E mais, “poetas a serviço de uma aristocracia guerreira não podem devolver a essa sociedade senão sua própria imagem reproduzida com acurada fidelidade”²⁹. Sendo assim, a produção oral que não foi bem recebida está destinada ao “desaparecimento imediato, como se nunca tivesse sido pronunciada”³⁰. Podemos concluir, portanto, que as versões dos poemas que chegaram àqueles que detinham o conhecimento da escrita e, portanto, os registraram,

não podem ser outros senão aqueles aceitos por uma sociedade que encontrava reproduzida suas crenças e modos de vida nesses poemas.

É importante ressaltar que não foi de uma hora para outra que a tradição oral deixou de existir e em seu lugar só houvesse a escrita, pelo contrario, ambas coexistiram. Desse modo com a chegada da do cristianismo mesmo antes da adoção da escrita, podemos ver sua influencia em ambas as tradições. Entretanto, passagens que apresentam qualquer forma cristã não podem ser tidas somente como um avanço da religião, mas também como, simplesmente, um sinal de que ela estava presente. Explicando melhor, assim como afirma Berg³¹, existem diferenças entre a linguagem poética (que seria um discurso individualizado) e a linguagem mítica (que seria produto de uma coletividade) nas fontes *eddicas*. Desse modo, as relações existentes com o cristianismo nos poemas *eddicos*, podem exprimir somente um novo recurso artístico ao poeta, e não uma mudança na forma da religiosidade desse povo. O que ocorria era que *na era Viking, em particular, o cristianismo era certamente uma fonte de inspiração para os poetas, que eram os guardiões dos mitos nórdicos*³². Nesse caso, há de se considerar o que foi dito por Eliade, que *apesar de reinterpretadas, não significa, evidentemente, que essas Grandes Mitologias tenham perdido sua “substancia mítica” e que não passem de “literatura”*.³³

Na própria passagem que mostramos, retirada da Edda em Prosa, percebemos que Cristo é citado somente para que o jovem escaldo possa saber quais os sinônimos que ele poderá utilizar para se referir à Cristo. Não podemos esquecer que no tempo em que fora escrita a Edda em Prosa, o cristianismo já estava presente na Islândia a mais de dois séculos. Mesmo sendo cristão, é muito mais provável que o objetivo de Snorri em sua obra tenha sido o de manter vivas as antigas tradições poéticas e não uma tentativa de inserir o cristianismo nelas. Não podemos deixar de notar que (excluindo-se o prólogo da obra, o qual tem sua autoria em Snorri duvidosa) é muito pequena passagem referente à Cristo na obra, 5 paginas em um total de 151, no *Skáldskaparmál*.

CONCLUSÃO

Devido às características da Edda em Prosa, assim como a Edda Poética e outras fontes do período, não devemos optar por dois lados opostos, onde, ou se trabalha com as fontes negligenciando a presença do cristianismo, ou as considera apenas como representações de uma sociedade cristã posterior.

Nossa escolha é a de trabalhar com essas fontes da maneira proposta tanto por Sorensen quanto Eliade, em que consideramos as inserções cristãs, presentes em alguns mitos, como recursos literários que não influenciam na essência dos mitos. Afinal, “a visão corrente é que a poesia eddica, aliada aos mais antigos versos da poesia ‘escáldica’ do século IX, proporcionam a melhor ‘pista’ sobre o pensamento religioso dos antigos escandinavos”³⁴

Notas

¹ Aluno do quarto ano de História da Universidade Estadual de Maringá. Participa de pesquisa de iniciação científica sob orientação da Professora Doutora Solange Ramos de Andrade.

² Snorri Sturluson was in the fullest sense a product of his time. STURLUSSON, Snorri. (**The Prose Edda: Tales From Norse Mythology**. Introdução, tradução e notas de Arthur Gilchrist Brodeur. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2006. p.x)

³ Período em que se deu a expansão do território e cultura viking,

⁴ OLIVEIRA, João Bittencourt de. **Aventura e Magia no Mundo das Sagas Islandesas**. *Brathair* 9 (1), 2009: 38-65. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/04/2010, 15:45. p.39-40

⁵ OLIVEIRA, João Bittencourt de. **Aventura e Magia no Mundo das Sagas Islandesas**. *Brathair* 9 (1), 2009: 38-65. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/04/2010, 15:45. p.40

⁶ BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editora Presença, 1999. p.314

⁷ BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editora Presença, 1999. p.314

⁸ BRONSTED, Johannes. **Os Vikings: História de uma Fascinante Civilização**. São Paulo, Hemus, 2004. p.186

⁹ BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editora Presença, 1999. p.315

¹⁰ BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editora Presença, 1999. p.318

¹¹ “A arqueologia ajuda a comprovar o fato com a análise dos túmulos islandeses do período que demonstram um abandono abrupto do sepultamento nos moldes pagãos, e tornando-se comum o sepultamento cristão por volta do ano 1000”. (COSTA, Ricardo da; BIRRO, Renan Marques. **“Este é o início de como a Cristandade veio para a Islândia” (“Nú hefr þat, hversu kristni kom á Ísland”): os ricos proprietários rurais e a cristianização da Islândia (sécs. IX-XIII)**. *Brathair* 9 (1), 2009: 22-37. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/04/2010, 16:00. p.24)

¹² COSTA, Ricardo da; BIRRO, Renan Marques. **“Este é o início de como a Cristandade veio para a Islândia” (“Nú hefr þat, hversu kristni kom á Ísland”): os ricos proprietários rurais e a cristianização da Islândia (sécs. IX-XIII)**. *Brathair* 9 (1), 2009: 22-37. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/04/2010, 16:00. p.23

¹³ LANGER, Johnni. **Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking**. *Brathair* 6 (2), 2006: 48-78. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:10. p.188

¹⁴ OLIVEIRA, João Bittencourt de. **Aventura e Magia no Mundo das Sagas Islandesas**. *Brathair* 9 (1), 2009: 38-65. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/04/2010, 15:45. p.24

¹⁵ LANGER, Johnni. **Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking**. *Brathair* 6 (2), 2006: 48-78. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:10. p.189

¹⁶ LANGER, Johnni. **Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking**. *Brathair* 6 (2), 2006: 48-78. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:10. p.189

¹⁷ OLIVEIRA, João Bittencourt de. **Aventura e Magia no Mundo das Sagas Islandesas**. *Brathair* 9 (1), 2009: 38-65. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/04/2010, 15:45. p.30

¹⁸ STURLUSSON, Snorri. **The Prose Edda: Tales From Norse Mythology**. Introdução, tradução e notas de Arthur Gilchrist Brodeur. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2006. p.xi

¹⁹ DAVIDSON, Hilda Roderik Ellis. **Deuses e Mitos do Norte da Europa: uma mitologia é o comentário de uma era ou civilização específica sobre os mistérios da existência e da mente humanas**, São Paulo: Madras, 2004. p. 24

²⁰“Isto não significa ter escapado necessariamente ao impacto do cristianismo, mesmo porque, nas formas em que a elas teve acesso, suas fontes haviam sido redigidas majoritariamente por poetas que escreviam após a cristianização, embora o fizessem com base em tradições mais antigas (o que é confirmado por paralelos textuais escáldicos prévios datáveis e por material iconográfico obtido em pedras rúnicas cronologicamente anteriores, por exemplo). Além do mais, embora seja um dos poucos produtores de textos, na Islândia do século XIII (a obra

é datada de aproximadamente 1220), exteriores à estrutura eclesiástica, Snorri teve uma formação intelectual cristã. O que mais nos preocupa, entretanto, é o acentuado viés racionalista e evemerista presente em Snorri Sturluson: não temos dúvidas de que tenha efetuado consideráveis ordenamento e reinterpretação dos materiais expostos em seu compêndio, com base em suas opiniões, preferências e concepções.” (CARDOSO, Ciro Flamarion. *Aspectos da Cosmogonia e da Cosmografia Escandinavas*. *Brathair* 6 (2), 2006: 32-48. (<http://www.brathair.com>) acesso em 25/03/2010, 14:50. p.16)

²¹ BROWN, Peter. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editora Presença, 1999. p.324

²² "oral tradition; written genealogical records; old songs or narrative lays such as Thiodolf's Tale of the Ynglings and Eyvind's Haloga Tale; poems of court poets, *i.e.*, historic songs, which people knew by heart all from the days of Hairfair down to Snorri's own time. 'And most store,' he says, 'we set by that which said in such songs as were sung before the chiefs themselves or the sons of them; and we hold all that true which is found in these songs concerning their wayfarings and their battles.' (MAGNUSSON, apud STURLUSSON, Snorri. **The Prose Edda: Tales From Norse Mythology**. Introdução, tradução e notas de Arthur Gilchrist Brodeur. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2006. p. xiii)

²³ "Then said Ægir: "In how many ways are the terms of skaldship variously phrased, or how many are the essential elements of the skaldic art?" Then Bragi answered: "The elements into which all poesy is divided are two." Ægir asked: "What two?" Bragi said: "Metaphor and metre" (STURLUSSON, Snorri. **The Prose Edda: Tales From Norse Mythology**. Introdução, tradução e notas de Arthur Gilchrist Brodeur. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2006. p. 96)

²⁴ BOULHOSA, Patrícia Pires. **Breves Observações Sobre Edda em Prosa**. *Brathair* 4 (1), 2004: 13-18. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:50. p.16

²⁵ BOULHOSA, Patrícia Pires. **Breves Observações Sobre Edda em Prosa**. *Brathair* 4 (1), 2004: 13-18. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:50. p.16

²⁶ "How should one periphraise Christ? Thus: by calling Him Fashioner of Heaven and Earth, of Angels, and of the Sun; Governor of the World and of the Heavenly Kingdom and of Jerusalem and Jordan and the Land of the Greeks; Counsellor of the Apostles and of the Saints. Ancient skalds have written of Him in metaphors of Urdr's Well and Rome; as Eilífr Gudrúnarson sang: So has Rome's Mighty Ruler / In the Rocky Realms confirmèd / His power; they say He sitteth / South, at the Well of Urdr. Thus sang Skapti Thóroddssen:

The King of Monks is greatest / Of might, for God all governs; / Christ's power wrought this earth all, / And raised the Hall of Rome. King of the Heavens, as Markús sang: The King of the Wind-House fashioned / Earth, sky, and faithful peoples; / Christ, sole Prince of Mortals, / Hath power o'er all that liveth. There the metaphors coincide; and he who interprets the language of poesy learns to distinguish which king is meant; for it is correct to call the Emperor of Constantinople King of Greeks, and similarly to call the king who rules over the land of Jerusalem King of Jerusalem, and also to call the Emperor of Rome King of Rome, and to call him King of Angles' who governs England. But that periphraisis which was cited but now, which called Christ King of Men, may be had by, every king. It is proper to periphraise all kings by calling them Land-Rulers, or Land-Warders, or Land-Attackers, or Leader of Henchmen, or Warder of the People. STURLUSSON, Snorri. (**The Prose Edda: Tales From Norse Mythology**. Introdução, tradução e notas de Arthur Gilchrist Brodeur. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2006. p. 195-7)

²⁷ Da forma como se dava esse conhecimento, “o mais correto é que tenha sido o mesmo padrão das sociedades tradicionais, em que os profissionais da memória repetem as narrativas, cantos e poemas a uma platéia – um sistema de repetição onde ocorrem freqüentemente as versões orais. No caso dos mitos nórdicos, especificamente na ilha de Gotland, durante os séculos VIII a XI, foram confeccionadas dezenas de estelas pintadas, portando imagens que remetem a diversas cenas e episódios que no período cristão foram preservadas pela escrita: “No silêncio e na ausência de qualquer sistema de notação escrita, a memória ativa da oralidade combina o aprendizado dos saberes com informações visuais (...) que tornam inoperante o modelo de uma memória mecânica dedicada à exata repetição” (Detienne 1998: 79). Assim, tanto os poetas-aprendizes quanto a própria população em geral de Gotland dispunham de uma grande quantidade de imagens públicas que reforçavam a memorização mnemônica da mitologia Viking, ajudando a preservar algumas versões e cenas míticas” (LANGER, Johnni. **Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking**. *Brathair* 6 (2), 2006: 48-78. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:10. p.49).

²⁸ DETIENNE, Marcel. **A Invenção da Mitologia**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1992. p.82

²⁹ DETIENNE, Marcel. **A Invenção da Mitologia**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1992. p.55

³⁰ DETIENNE, Marcel. **A Invenção da Mitologia**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1992. p.82

³¹ Apud LANGER, Johnni. **Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking**. *Brathair* 6 (2), 2006: 48-78. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:10. p.49

³² SORENSEN, apud LANGER, Johnni. **Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking**. *Brathair* 6 (2), 2006: 48-78. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:10. p.60

ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

³³ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992. p. 10

³⁴ DRONKE, 1992, apud BOULHOSA, Patrícia Pires. **Breves Observações Sobre Edda em Prosa**. *Brathair* 4 (1), 2004: 13-18. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 14:50. p.5